

PREFÁCIO

Uma cristandade, tal como um homem, não se nutre de composta. O bom Deus não escreveu que fôssemos o mel da terra, meu rapaz, mas o sal. Ora, o nosso pobre mundo assemelha-se ao velho pai Job, cheio de chagas e úlceras, sobre os seus dejetos. O sal, sobre a pele em ferida, é uma coisa que arde. Mas também a impede de apodrecer. (Georges Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*)

Se alguém nos perguntasse o porquê da conveniência de nos tornarmos santos, deveríamos responder à maneira de Bernanos: para não apodrecer. A nossa vida está sempre prestes a apodrecer, mas esta não é uma consideração pessimista. Pelo contrário, é uma visão muito otimista. As coisas que se arriscam a apodrecer são as coisas vivas, as coisas transbordantes de vida. As coisas mortas, as coisas secas, não se arriscam a apodrecer porque nelas já não há vida e, por isso, nenhum risco. O sangue jorra de um corpo vivo. Uma doença desenvolve-se onde há vida. Uma chaga dói porque agride um corpo vivo. A santidade é a tentativa de manter a vida viva, de não deixar que se estrague, de não permitir que o excesso de vida se torne princípio de fim. Eis por que motivo é errado pensar que a santidade é apenas uma fácil benevolência de quatro

vinténs: ela é, antes de mais, uma doçura preciosa, da mesma forma como o sal é precioso sobre uma chaga.

Eu próprio passei por uma fase na minha vida na qual a santidade estava misturada com um imaginário demasiado meloso e pouco consonante com a minha curta vida. Recordo-me de quando, ainda pequeno, com os meus amigos do coro, íamos viver alguns fins de semana de inspiração vocacional. Quase sempre, à noite, víamos juntos um documentário sobre a vida de algum santo. Os comentários não muito românticos sobre as imagens visionadas eram abafados por uma audiocassete com música e vozes que narravam as vicissitudes do santo do dia. Se o meu discurso parece ir no sentido de uma crítica acerba a este tipo de experiências, devo dizer que, pelo contrário, recordo com muita nostalgia aquelas histórias, porque nutriam o meu coração de um desejo sempre crescente de “levar a sério” a Fé em Cristo, exatamente no momento em que vivia imerso num mundo “habitado” à Fé, como nos habituamos a uma canção popular ou ao gesto ritual de uma mão levantada para saudar um amigo na rua. O problema era, contudo, aquele imaginário, não o desejo que a partir daí me crescia no coração. Por muito tempo pensei que a santidade fosse aquela visão romantizada da realidade, na qual o triunfo dos bons sentimentos e dos sorrisos, apesar de tudo, encarnava o verdadeiro valor dos santos. O heroísmo de sermos bons. Ai de mim, aprendi por mim próprio que a santidade é uma questão muito mais complicada. É o heroísmo de permanecermos humanos apesar da vida. E, para permanecermos humanos, às vezes é preciso ser fortes, não bons. Astutos, não ingénuos. Decididos, não submissos. Paradoxalmente, a desilusão das cores dos

documentários aproximou-me mais fortemente dos santos cuja história se pretendia contar.

Por um misterioso desígnio da Providência, tive a ocasião de encontrar muitas pessoas, muitas comunidades e muitos modos de viver o cristianismo. Tive a graça de atravessar o silêncio dos mosteiros, mas também de mergulhar nos cânticos a plenos pulmões das grandes multidões. Conheci muitas paróquias situadas por toda a parte e falei com gente que viu a sua vida transformada por acontecimentos inimagináveis. O que têm em comum todas estas pessoas? Que coisas me esforcei por partilhar com todas elas? Simplesmente, qualquer que seja o modo através do qual cada um vive a vida e a própria Fé, no fundo há aquele pequeno denominador comum do Batismo que nos tornou filhos e que nos deu a certeza interior de sermos amados, de viver imersos num plano que tem no seu fundo um destino bom, e de saber que o Amor é o pressuposto de qualquer vida digna desse nome. Quer dizer: a Fé, a Esperança e a Caridade. As três graças recebidas como dom no Batismo, que somos chamados a exprimir qualquer que seja a nossa vida.

A tarefa é séria, porque do êxito da nossa aventura depende a qualidade do resto do mundo:

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal perde o sabor, com que poderemos salgá-lo? Não serve para mais nada; só serve para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada para a colocar debaixo de uma vasilha, mas sim para a colocar no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa.

Assim também que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que fazeis e louvem o vosso Pai, que está nos céus. (MT 5,13-16)

Para que vejam e tenham vontade de levantar o olhar para Outrem.

As palavras de que é feito o presente livro nasceram destes encontros. Muitas palavras ouvi-as eu, enquanto as pronunciava como sugeridas pelos olhos de quem estava à minha frente. Seria longa a lista de todas as pessoas, de todas as comunidades, de todas as experiências partilhadas de que estas páginas são apenas um simples rascunho. Estou pessoalmente grato a todos.

Luigi Maria Epicoco

PRÓLOGO

(O serviço mínimo)

Antes de penetrarmos no âmago da nossa reflexão, gostaria de dizer, talvez de uma maneira previsível, algumas coisas que penso serem decisivas para compreender do modo mais correto as páginas que se seguem.

O que é a vida espiritual? A vida espiritual não é uma técnica, um conjunto de regras ou qualquer coisa que façamos. Para sermos mais precisos, deveremos dizer que fazemos muito pouco no que se refere à vida espiritual, porque ela é aquilo que o Espírito Santo faz dentro de nós. Este é o motivo pelo qual, quando alguém diz que deve recuperar a vida espiritual, é como se dissesse que se deve tornar consciente daquilo que lhe está a acontecer, de como o Espírito Santo o está a trabalhar interiormente. O nosso contributo primário é o de nos “darmos conta”.

Quando alguém reserva tempo para a própria vida espiritual, não deve passá-lo a puxar pela cabeça para procurar extrair dela qualquer “originalidade” para a própria vida. Na realidade, esse é o tempo para se aprender a estar em silêncio e não simplesmente a estar calado. É tempo de escuta.

O estar calado e o estar em silêncio são duas coisas radicalmente distintas: pode-se estar calado, mas com a mente e o coração em outro sítio em relação à realidade que se tem à frente.

Assim como se pode, pelo contrário, estar em silêncio porque se está a ouvir plenamente o que se tem à frente. Isto acontece quanto se está diante de quem se ama.

O silêncio é a plena cidadania do presente.

Habitualmente estamos dispostos a ouvir a pessoa que está diante de nós quando é simpática, quando sabemos que nos quer bem, quando intuimos que tem algo de interessante para nos dizer. Por isso, aquilo que nos dispõe ao silêncio não é um mero “estar calado”, mas o facto de termos uma urgentíssima necessidade pessoal de nos pormos à escuta de qualquer coisa diferente dos nossos pensamentos e emoções.

Mas se a vida espiritual é aquilo que o Espírito Santo faz dentro de nós, devemos estar atentos para não confundir a vida espiritual com a vida interior. Esta última não é mais que todo o nosso sistema emotivo, psicológico, afetivo, racional, o nosso “mundo interior”. A vida interior é a nossa capacidade totalmente humana de perceber a realidade na sua profundidade e não apenas na sua extensão, na sua superficialidade.

Todos têm uma vida interior entendida deste modo. E é uma coisa que deveremos sempre recordar e promover, porque ela não está ligada ao ter ou não Fé. A vida interior está ligada ao nosso ser ou não ser humanos. É “o serviço mínimo” para alguém se dizer verdadeiramente humano. O cerne da crise que estamos a viver, na minha opinião, deriva do facto de que até as instituições educativas, como a escola ou a cultura em geral, deixaram de nos ensinar o caminho da vida interior. Em muitos casos são mesmo a literatura, a arte, a filosofia, a música e a história que nos ensinam o caminho da vida interior.

Aquela que chamamos a “parte humanística”, contudo, parece estar a ser suplantada por outras prioridades mais funcionais para as lógicas do mercado. O facto de já não estarmos habituados à vida interior torna-nos tremendamente superficiais e, por isso, tremendamente infelizes e, em muitos casos, deprimidos.

Um cristão não se pode contentar, no entanto, com ter uma simples vida interior, contentar-se com este “serviço mínimo”. Deve escavar mais fundo na própria vida interior para encontrar, pelo contrário, o veio da água da vida espiritual que corre dentro de si e aperceber-se, assim, daquela vida que não depende dele, mas que nele está presente: a vida do Espírito.

Dar-se tempo, dar-se “silêncio”, significa aperfeiçoar a nossa capacidade de nos darmos conta dos motivos psicológicos que existem dentro de nós e de saber distingui-los dos espirituais. Também é preciso ter presente que, por vezes, as motivações psicológicas se disfarçam de motivações espirituais. Isto acontece quando intencionalmente inventamos um Jesus Cristo para responder às nossas necessidades: este não é o Jesus de Nazaré, não é o Filho de Deus. É então que o silêncio, a atenção, a vida de oração e sobretudo a Palavra são como uma peneira que nos ajuda a compreender o que é e o que não é espiritual. O exemplo é banal, mas exprime visualmente a ideia que gostaria de transmitir: o princípio é o mesmo quando se compra fruta: tocamos-na para sentir se está madura ou não. A vida espiritual é, do mesmo modo, uma ciência prática: ensina-nos o tato interior para nos fazer compreender o que vem de Deus e o que, pelo contrário, vem simplesmente da nossa história.

Cometemos o erro de continuar simplesmente a interpretar-nos e, assim, enfermamos de um certo fatalismo (“se estou a passar por isto, então Deus quer dizer-me isto...”, “se me aconteceu isto, então Deus quer fazer-me aquilo...”). Por vezes acertamos, mas é como levantar-nos de manhã, ouvir o horóscopo e pensar que vai ser assim. Todos sabemos a inconsistência de uma semelhante crença, porque o horóscopo diz tudo, mas também não diz nada, e por isso prende-nos sempre. A verdade é que quando queremos ouvir uma coisa, fazemo-la confirmar pelo nosso horóscopo e, às vezes, também por Deus, se necessário. É preciso libertarmo-nos de nós mesmos, daquilo que experimentamos, da raiva que sentimos, das feridas que temos, e dar-mo-nos conta de que mesmo que Deus não necessite de nos fazer sofrer para nos dizer alguma coisa, certamente sob esse sofrimento há um argumento que poderá ser escutado, porque Deus preenche sempre os acontecimentos de significado.

Devemos aprender a entender a vida de oração como participação afetiva na vida de Cristo.

Participação afetiva

É uma viragem, porque geralmente a participação que temos na vida de Cristo é informativa. Temos tantas informações, mas nem sempre nos deixamos envolver a ponto de as sentir ou de as crer como verdadeiras. O núcleo central da Fé é que nos interessa a vida de Cristo na sua completude, no seu aspeto mais íntimo; e queremos nisto estar implicados de maneira muito mais profunda do que com a simples

razão; portanto, com todo o resto das nossas faculdades, como pessoas na sua totalidade. Não sem a razão, mas com a razão mais do que tudo o resto. A afeição é o envolvimento total da pessoa. Enquanto não formos capazes de fazer esta viragem e nos fecharmos no nível puramente racional, informativo, a vida de Jesus Cristo não mudará a nossa vida.

Devemos pensar no que acontece, nos nossos tempos, a um rapaz que se apaixona por uma rapariga. Procura imediatamente o seu nome nas redes sociais. Mas pode definir-se como relação o simples contentar-se em ler tudo o que está nas informações e no perfil virtual desta rapariga? Ele pode dizer que está enamoradoíssimo, que sabe muitas coisas sobre ela, mas a verdade é que a relação não pode ser só o conhecimento de alguns dados: deve tornar-se encontro, troca, diálogo, em suma, relação. O nosso cristianismo, às vezes, é assim: acumulamos muitas afirmações sobre Cristo, mas não é óbvio que tenhamos posto em jogo a nossa vida de maneira verdadeiramente afetiva.

A palavra subsequente a “afetiva” é “efetiva”.

Por isso, a passagem deveria ser: de uma vida informativa a uma vida afetiva. De uma vida afetiva a uma vida efetiva, isto é, real.

Temos necessidade que a Fé seja real e não simplesmente interior.

Converter é melhor do que tratar

Sempre que remetemos a nossa “zona espiritual” para o centro da nossa vida, de um modo mais decidido e decisivo, faz mais sentido falar desta palavra, que

se presta a tantos mal-entendidos, que é “conversão”. Frequentemente, no entanto, quando falamos de conversão, falamos de uma aceção moralista: “Uma pessoa converte-se quando deixa de praticar o mal.” Não praticar o mal pode ser uma consequência da conversão, mas não é a conversão em si ou por si, porque o mal mais grave presente na Bíblia não é pecar, nem sequer não acreditar: o mal mais grave na Bíblia é a idolatria.

A conversão é afastarmo-nos da idolatria

A idolatria é a tentativa que fazemos de encerrar Deus numa fórmula, numa imagem, numa ideia, em algo que nós tenhamos concebido relativamente a Ele. O que não é sempre negativo em si, porque é humano criar uma visão das coisas. Mas, a longo prazo, certas visões cristalizadas fecham o nosso caminho, o nosso percurso. Por exemplo: pode acontecer que na nossa vida interior e espiritual, as experiências vivenciadas produzam dentro de nós certas imagens de Deus, no interior das quais nos sentimos particularmente seguros. Codificamo-las, elaboramo-las, aprofundamo-las e refletimos sobre elas, mas sem nos darmos conta que, por vezes, essas mesmas imagens dificultam e bloqueiam a nossa vida espiritual.

Temos, assim, necessidade de passar pelo trauma da destruição. Devemos destruir as imagens que criámos de Deus, sabendo, contudo, que uma imagem dá uma segurança, uma certeza, e todos nós, digamos a verdade, procuramos uma segurança ou uma certeza. «Não faças para ti ídolos, nenhuma representação daquilo que

existe no céu e na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra.» (Ex 20,4)

Cristo pede-nos constantemente que aceitemos a precariedade da viagem, afasta-nos de tudo o que nos parece útil. Esta “perda”, esta “purificação”, é necessária para que possamos caminhar. A idolatria não permite viagens, mas apenas paragens inconvenientes. Com a idolatria não podemos ir a nenhum lado, tornamo-nos obsoletos.

Lendo o Antigo Testamento, e mais precisamente a história do povo de Israel, reparamos de imediato numa tribo particular. É a tribo sacerdotal, a tribo de Levi, que não tem direito a nenhum pedaço de terra. Tem direito à herança, mas de uma maneira muito especial. O Senhor diz à tribo de Levi: «Eu sou a tua herança.» Compreende-se melhor a inspiração das palavras do Salmo 16: «Senhor, minha parte na herança e minha taça, o meu destino está em tuas mãos.» (Sl 16,5) Enquanto todos têm uma terra debaixo dos pés, onde pôr os pés, quem segue o Senhor com a intimidade de um levita, que pode tocar e transportar a Arca, não tem uma terra sobre a qual apoiar os seus passos. Tem-n’O a Ele. Ele é a terra. Não tem certezas humanas como os outros, mas tem-n’O a Ele.

Poderíamos quase dizer que o verdadeiro sinal da presença de Deus na nossa vida é o facto de não termos certezas humanas, como o mundo propõe. Pelo contrário, muito frequentemente, passamos a maior parte da vida a deduzir constantemente, quotidianamente, pequenas certezas sobre as quais construir os nossos dias, o nosso tempo, a nossa existência.

O Espírito Santo faz exatamente o contrário: ama-nos tanto que nos retira constantemente qualquer tipo

de certezas, porque quer restabelecer aquela intimidade profundíssima com Deus, que é dada por um sentimento de confiança n'Ele. Quer que toquemos a Arca ainda antes de tocarmos a terra.

Quando perdemos a terra debaixo dos pés significa que estamos a ir a algum lugar. Para caminhar é necessário desprendermo-nos da terra que pisamos.

A idolatria, justamente porque consiste em perder de vista Deus como centro da nossa existência, conduz-nos de maneira inevitável a ter sempre uma atitude defensiva, que se manifesta interiormente com o endurecimento do coração. Sem que nos dêmos conta, para permanecer à superfície, o nosso coração, paradoxalmente, torna-se pedra. O que é, portanto, a conversão? É ver estas palavras realizarem-se: «Tirar-vos-ei o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne.» (Ez 36,26) O Senhor é o único que pode restituir-nos um coração de carne e purificar-nos, libertar-nos dos nossos ídolos. É preciso tornar a ter um coração perigosamente de carne, ainda que seja inquietante tê-lo. É melhor um coração de pedra! O coração de carne sofre, sente, é vulnerável, frágil. O de pedra não. Não podemos, no entanto, ser felizes com um coração de pedra, mas só com um coração vulnerável e de carne. Para aceitarmos baixar as defesas e acolher em nós um coração de carne, a única maneira de o conseguir é sentirmo-nos amados. Este é o propósito do Senhor.